

SOARES,

Débora Poncio

SYLVIA MEYER: UMA BIOGRAFIA ESQUECIDA

Débora Poncio Soares¹

RESUMO

Esse artigo é o início de uma pesquisa sobre a artista brasileira Sylvia Meyer, que viveu durante os anos de 1889 a 1955 na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo desse trabalho é reunir informações, bibliografia, fotografias e obras da artista, reconstruindo seus caminhos e buscando entender como se deu sua inserção no circuito artístico acadêmico e moderno do início do século XX e o porquê não obteve o devido reconhecimento após sua morte, sendo sua trajetória apagada do cânone da História da Arte. Devido as poucas informações encontradas sobre a artista, nenhuma dedicada especificamente à sua biografia e carreira, foi necessária uma investigação sobre sua vida e obra, de modo que a partir da Hemeroteca Digital se tornou possível reconstruir esse processo.

PALAVRAS-CHAVE

Sylvia Meyer; Mulheres Artistas; Arte Moderna.

As Mulheres artistas desconhecidas do passado não existem. Só existem aquelas que se conhecem, cuja obra foi exposta, comentada, debatida, criticada, mais tarde, inventada, re-exposta, re-avaliada.

Por isso é que é necessário conhecer os processos da memória, as suas fissuras e os seus interstícios, espreitar para lá e, talvez, saber deixar aparecer o que, na sombra, continua a vibrar. (VICENTE, 2011, p. 18).

Sylvia Meyer nasceu em 31 de maio de 1889 na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu durante toda a sua vida, foi artista e professora. Ela veio de uma família classe alta, o que conferiu certo conforto à para sua vida profissional, sendo apresentada à arte desde criança e incentivada por seu pai, Dr. Felipe Frederico Meyer, que também tinha inclinações à pintura. Em uma entrevista para a Maria Wanderley Menezes

¹ Graduanda em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participa do projeto de pesquisa “Impressionismo no Brasil: Produção, circulação e recepção da arte entre Brasil e Europa”, orientado pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Tavares Cavalcanti. Contato: debora.p.soares@hotmail.com

pela revista *Carioca*, Sylvia falou sobre sua relação com a arte desde pequena:

Há duas fases na pintura: a imagem que se forma no cérebro e a que é transportada para o quadro, ou visão e execução. A primeira creio que começou logo que meus olhos se abriram para o primeiro horizonte, que foi a casa de meus pais. As paredes eram forradas de quadros. Assim, minha visão formou-se de modo inverso. Primeiro vi os quadros e depois os modelos. Quanto à execução, creio ter começado logo que consegui segurar um lápis. Mas pintar, tecnicamente falando, logo que me foi facultado o material necessário (MEYER, 1948, p.12).

Mesmo que não conhecida atualmente, em sua época, ela realizou exposições quase que anualmente, tanto individuais quanto coletivas. Ficando conhecida por suas pinturas em pastéis e retratos. Deu aula em diversos colégios e aulas particulares a partir de 1924 (PAULINO, 1955, p.17). Realizou ilustrações para a *Única - quinzenário ilustrado: mundanismo, esportes, cinema, actualidades*, periódico mensal destinado às mulheres. Além disso, fez parte de círculos importantes de pessoas.

A história de Sylvia não é solitária, nem exceção, outras artistas mulheres seguiram esse mesmo caminho. Segundo a historiadora da arte Ana Paula Simioni no documentário *Mulheres Luminosas*, em 1900, 40% das obras do Salão de Belas Artes foram feitas por mulheres, seis anos depois, essa porcentagem aumenta para 50%². A quantidade de mulheres artistas era tão notável que várias notícias sobre elas saíram em jornais, a exemplo do artigo, *Eva no Salão de 1926*, publicado na Revista da Semana por Saul Navarro, que homenageia a participação feminina no Salão de Belas Artes, destacando o nome de 30 mulheres participantes³. (Figura 01). Em 1948, Ney Machado escreve um artigo para a *Revista da Semana*, falando que 70% dos alunos da Escola Nacional de Belas Artes eram Mulheres.

Mesmo que esses dados mostrem um aumento na participação das mulheres durante o século XX dentro do ensino artístico, existindo uma quantidade notável de mulheres artistas ou mulheres que almejavam a profissão de artistas, poucos nomes chegaram até nós. Quantas delas sabemos o nome? Quantas delas conhecemos as trajetórias e as obras? Quantas delas estão expostas e sendo adquiridas pelos museus? Por que a Historiografia da Arte brasileira circunscreve as artistas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral como se fossem excepcionalidades? Ana Paula Simioni em seu livro *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas do Brasil* de 2008, vai comentar como a narrativa que a arte moderna propaga sobre Anita Malfatti e Tarsila do Amaral serem “excepcionalidade” e “Heroínas Solitárias” encobre com uma névoa a lembrança de outras artistas anteriores a elas (e contemporâneas), desvalorizando assim, a produção feminina e apagando a própria misoginia do cânone (SIMIONI, 2008, p. 21).

2 Documentário *Mulheres Luminosas*, de direção de Pedro Pontes.

3 Nomes das artistas da esquerda para direita: Haydée Lopes Santiago, Hilda Soares Torres, Odelli Castello Branco, Yvonne Visconti, Georgina de Albuquerque, Puresa Cardoso, Palmyra Pedra, Elaine Sanceau, Sarah Villela de Figueredo, Adelaide D. Nascimento, Irene Ribeiro França, Janna P. de Oven-Grentener, Olga Mary Pedrosa, Marian F. Lima, Wanda Turatti, Zelina Ferreira, Edith de Aguiar, Hilda Eisenlohr, Yayá Castro, Gilda Moreira, Suzana Mesquita, Maria F. de B. Barreto Falcão, Candida G. Cerqueira, Maria S. Meyer, Sylvia Meyer, Diva de Moura Ferreira, Emilia Marchesini, Sara Costa, Lotte Benter e Solange de Frontin Hess.

pacidades concernentes ao âmbito do privado exibidas em público" (SIMIONI, 2008, p.43). Corresponhia a uma ocupação para a mulher branca e de classe alta, que era quem conseguia ter acesso a essa formação artística por ter condições financeiras e tempo disponível. Devido a isso, as mulheres durante anos foram levadas a se dedicar às artes decorativas e aos gêneros menores da pintura e escultura, considerados mais delicados, leves, graciosos e ligados ao âmbito doméstico, os quais combinavam com os "atributos" que uma mulher deveria ter.

A dificuldade de profissionalização das mulheres na Escola Nacional de Belas Artes é levantada por Ney Machado em 1948, em um artigo para a *Revista da Semana*, já mencionado. Ele contrasta a porcentagem alta de alunas da Escola com as que realmente seguiam a profissão de artista e que conseguiam expor suas obras. Ele pergunta para as alunas o que elas pensam sobre o assunto e as questões encontradas para essa dificuldade foram: a oposição da família, casamento e proibição pelo marido. Em paralelo, as soluções para ultrapassar essa condição eram se manter solteira ou se casar com um homem também artista. Isso mostra que as mulheres enquanto artistas no século XIX e XX, tinham grandes dificuldades para: conseguir se profissionalizar, manter-se no campo ativamente e serem lembradas pela posteridade.

Os estudos de Sylvia começaram em 1908 com o professor Rodolfo Amoedo, com intuito de entrar na Escola Nacional de Belas Artes. Ela tirou o primeiro lugar no exame de admissão⁴ e começou a estudar na instituição por volta de 1912, porém, já sendo aluna das aulas livres desde 1909. Foi aluna de Eliseu Visconti, Zeferino da Costa e Rodolfo Amoedo, mas no ano seguinte, tornou-se discípula de Henrique Bernardelli, com quem permanece até o final dos seus estudos. Participa das Exposições Gerais desde 1910 (como aluna das aulas livres) até 1919 (já matriculada), recebendo as premiações de menção de primeiro grau em 1912, menção de primeiro grau na exposição de 1914 e pequena medalha de prata em 1915. Porém, ela não se identificou com o ensino oferecido pela Escola e sobre isso, ela falou em uma entrevista para o jornal *A Noite*, em 1946:

Sou um espírito inteiramente emancipado de preconceitos estéticos. Sempre fui rebelde às limitações das escolas. Estudei, é certo, pelos compêndios clássicos. Fui aluna de Amoedo, de Bernardelli, de Visconti. Mas, depressa, libertei-me das cadeias da arte oficial que estandardiza e desdêmicos. Desejo permanecer eu mesma, enfim, com todas as minhas qualidades e defeitos. (MEYER, 1946, p. 7).

Em 1912, participou da exposição Salão Juventas⁵ onde também fez parte da comissão organizadora, expôs sua obra *Retrato de Mme. M.P.* Teve aulas particulares na Escola de Arte do professor Henrique Bernardelli de 1913 a 1916, onde depois foi professora de desenho e pintura (PAULINO, 1955, p.17).

4 Segundo informação encontrada no jornal *A Noite*, de: 17 de agosto de 1948, p. 39.

5 O Centro Artístico Juventas foi uma associação de artistas colegiais (provavelmente estudantes da Escola Nacional de Belas Artes), ou como a *Gazeta de Notícias* diz "sociedade de artistas novos" com presidência de Annibal Mattos. A Exposição foi realizada em três salas da Associação de Imprensa na Rua da Assembleia nº7.

Começou a dar aulas no Colégio Baptista e no Internato e Externato Curso Jacobina, ambos no Rio de Janeiro, por volta das décadas de 10 e de 20, mas não se sabe até quando continuou. Em 1923, realizou sua primeira exposição individual de retratos em pastel no Palace Hotel, lugar considerado o centro social da cidade e de importância para a difusão da arte moderna no Rio de Janeiro⁶, onde foi muito bem recebida pelos jornais e pelo público. Em 1925, ilustrou a capa da primeira edição da Revista Única. É uma das poucas ilustrações que vem com sua assinatura, a qual encontra-se na Hemeroteca Digital⁷. (Figura 02).



Fig. 02: Capa da Primeira Edição da "Única, Revista Feminina, quinzenário ilustrado: mundanismo, esportes, cinema, actualidades" – Rio de Janeiro, julho de 1925, p. 1.

Em 1929, realizou sua primeira exposição internacional, no Museu de Bellas Artes de Rosario em Santa Fé, Argentina, onde um quadro seu foi adquirido pelo Museu local.

Em 1930, aos 41 anos, juntou todas as economias e, aproveitando a licença-prêmio em razão dos vinte anos de serviço público, decidiu ir para Paris. A viagem proporcionou uma grande mudança em sua produção, da principal técnica de seu trabalho, do pastel para a pintura a óleo, sobre isso ela fala: "*É que tenho fases. A gente precisa renovar-se. Até 1930 só pintava pastel, daí em diante não pinte mais*

⁶ O Palace Hotel realizou exposições de Oswald Goeldi (em 1927), Lasar Segall (em 1928), Tarsila do Amaral (em 1929), Candido Portinari (em 1929) e Alberto Veiga Guignard (em 1936).

⁷ Mesmo sem assinar as ilustrações, a revista a coloca como Ilustradora nas seguintes edições: em 1925 as edições de n.º 1, 2, 3, 4, 5/6; em 1926 a edição n.º 8 e em 1930, a capa da edição n.º 9.

um só” (MEYER, 1948, p. 39). Nesse contexto, Sylvia também descobriu novas inspirações, como o pintor italiano Amadeo Modigliani. A mudança de estilo vai aparecer em sua segunda exposição no Palace Hotel, promovida após sua volta de Paris, segundo o artigo de Anna Amélia para o *Diário de Notícias* em 9 de outubro de 1932:

Sylvia Meyer era uma brilhante pintora brasileira. Essa pintora, que todos conheciam e admiravam, resolveu, um dia, desaparecer. Mas não para deixar saudades. Pelo contrário, para aparecer de novo, mais viva do que nunca, inteiramente outra, inteiramente nova. Melhorou? Superou-se? E o que ella acaba de provar. A romântica dos pastéis muito finos, das nuances muito tênues, acorda agora nas linhas fortes, nos óleos vigorosos, nas pinceladas nítidas, nos traços decisivos e penetrantes. Suas telas não são espelhos frios que reproduzem nitidamente a natureza: são representações palpitantes da vida, são interpretações especiais de coisas, são expressões de sentimentos e de ideas [sic], encontrados em cada aspecto do mundo exterior por um temperamento singular. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1932, p. 7).

A década de 1930 foi a mais produtiva para Sylvia Meyer. Só em 1931, ela participou: do *Salão dos Revolucionários*, *3º Salão dos Artistas Brasileiros no Palace Hotel*, do *1º Salão Feminino de Belas Artes* e do *II Congresso Internacional Feminino*, onde entregaram uma moção em pergaminho com ilustrações de Sylvia Meyer, solicitando o voto feminino ao presidente Getúlio Vargas. Em 1932, como dito antes, fez sua segunda *Exposição no Palace Hotel*. Em 1933, participou da *Exposição de Arte Moderna no Studio Nicolas*, promovida pela Fundação Graça Aranha, junto de artistas como Tarsila do Amaral, Cecília Meirelles, Noêmia Mourão, Portinari e Di Cavalcanti. Nesse mesmo ano, participou do *3º Salão Anual da “Pro-Arte”* em São Paulo. Em 1934, vai ter sua terceira *Exposição individual no Palace Hotel*. Em 1935, torna-se professora assistente de artes plásticas da Universidade do Distrito Federal⁸, no Rio de Janeiro. Em 1936, participa da *Exposição no Centro dos Artistas Brasileiros do Rio de Janeiro* e em 1938 e do *Segundo Salão de Maio de São Paulo*. Ana Maria Paulino vai escrever sobre Sylvia Meyer:

Pela trajetória percebe-se que Sylvia, formada nos modelos acadêmicos, revela-se francamente moderna. Sua presença no Salão de 31 é exemplo disso. A maneira como trabalha o retrato é outro fato comprovador de tal modernidade. Não se limitando à representação do real, a artista vai além de um registro para a posterioridade. O contorno fixado das imagens e a harmônica disposição das massas e dos volumes fazem dos seus retratos... produzem obra de arte com significação própria. “Modiglianesco”, assim a crítica da época qualifica esses trabalhos de Sylvia (PAULINO, 1955, p. 58).

8 A Universidade do Distrito Federal (UDF) foi criada em 1935, quando o Rio de Janeiro ainda era capital do país. A universidade idealizada por Anísio Teixeira possuía uma proposta inovadora pelo fato de não possuir as três faculdades tradicionais (Direito, Engenharia e Medicina) e sim uma Faculdade de Educação. Porém, em 1939 ela foi fechada e incorporada à Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Já na década de 40, participou da Exposição de Pintura na A.B.I (Associação Brasileira de Imprensa), na Galeria da Casa dos Jornalistas. Em 1948, realizou uma Exposição na Câmara Municipal, onde foi adquirido o *Retrato de Rodrigues Alves*, para oferecer à Câmara Municipal de sua cidade natal. Em 1950, participou da Exposição de Artes Plásticas do S.A.P.S (Secretaria de Atenção Primária à Saúde), nos *Salões do Ministério da Educação*. A exposição fazia parte da 1ª semana da Alimentação e expôs somente naturezas mortas, reunindo pintores brasileiros e estrangeiros. Em 1952, participou do *III Salão de Natureza Morta no S.A.P.S.*

E em 8 de agosto de 1955, aos 66 anos, morre Sylvia Meyer de um infarto. Nos seus últimos anos de produção, ela não mais participava de tantas exposições, dedicando-se aos retratos de personalidades brasileiras (literária, social e político). Nesse mesmo ano, seu autorretrato foi doado ao acervo do Museu de Arte Moderna (Figura 3), por sua sobrinha Lia Pederneiras de Faria.

Posteriormente à sua morte, poucas vezes realizaram exposições com suas obras, são elas: *Exposição do Patrimônio do Museu de Arte Moderna em 1962, com a obra Autorretrato*; *A Expressão da Mulher Brasileira em 1984, na Biblioteca Nacional*; *Exposição sobre crianças no Museu Nacional de Belas Artes com a obra Menina*, em 1993; *Anos 20: A Modernidade Emergente no Museu de Arte de Ribeirão Preto em 2003, com a obra Mulher de Chapéu de 1924 e que se encontra na Coleção Sônia von Brusky*; *Mulheres Pintoras: A casa e o Mundo na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2004, com a mesma obra anteriormente mencionada.*



Fig. 03: Fotografia da obra *Autorretrato*, Sylvia Meyer, 1944, óleo sobre tela. 0,77 x 0,57 – Museu de Arte Moderna (MAM). Infelizmente a obra foi perdida durante o incêndio que ocorreu em 1978.

Fonte: Acervo do Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

Sobre suas obras, a artista falava que não gostava de ser comparada com nenhum outro pintor nem colocada dentro de um *ismo*. “*Nem academismo, nem modernismo, nem futurismo. Ela não quer saber de nenhuma escola, acreditando que só os criadores de escolas possuem autêntico valor*” (MEYER, 1946, p. 7). Por isso, a artista buscava uma expressão de arte exclusiva e inteiramente sua. E aplicava isso em suas aulas particulares, dando completa liberdade para seus alunos. Em outra entrevista, para a jornalista Maria Wanderley Menezes, publicada na *Revista Carioca* em 1948, ela diz, “*Fechar-se dentro de quaisquer fórmulas é uma limitação e todo artista deve ser inteiramente livre de preconceitos e limitações. Ser artista é ser completamente livre*” (MEYER, 1948, p.13). Respondendo à pergunta “*Quais as preferências artísticas?*” a artista diz:

Não compreendo as escolas ou mais cruamente os academismos. E, afinal, é o que mais vemos; pequenos grupos que trocam elogios e trocam-se dentro de uma corrente... Não sei ser filiada. Sem dúvida, nossa sensibilidade sempre renovada tem que ir amando, ao decorrer da vida artística, os mestres que têm mais afinidade com o sensível presente. Assim, quando cheguei da Europa, em 1930, não consegui compreender inteiramente Modigliani e por isso discutia-o e estudava-o conseguindo? Cheguei a me realizar? Os outros que o digam. Eu sigo meu caminho. Faço o que chamo cumprir meu destino sem reservas, sem literatura. (MEYER, 1948, p. 12 e 13).

E sobre a pergunta “*Que pensa da arte moderna?*”, ela responde à jornalista:

Se é sincera é arte, se não, é cabotismo. Gosto apaixonadamente [sic] de tudo que tende a uma procura sincera, a um anseio de invenção, de criação. Chegar a criar alguma coisa dentro de sua época, seja de que modo ou por qual processo, é a isso que chamo arte moderna. (MEYER, 1948, p. 13).

Modigliani se torna uma figura chave para a discussão da arte moderna em 1930, posteriormente à sua morte. Não obstante, é o mesmo ano em que Sylvia Meyer viaja para França com objetivo de estudar e aprimorar seu estilo. Portanto, provavelmente, a artista depara-se com essas discussões e se inspira nelas. A principal marca de Modigliani, o alongamento extremo de suas figuras, é considerada tanto como a identidade de suas obras, como também um fardo de sua criação, pois foram grandes obstáculos para o artista conseguir reconhecimento e fama, pois causavam aversão do público e de especialistas. Inicialmente criticado por falta de originalidade e seriedade em suas intenções artísticas, consideravam “*que suas deformações não passavam de um maneirismo irrefletido se comparado às obras dos cubistas, nas quais as deformações eram fruto de uma reflexão crítica verdadeiramente contundente*” (SALINAS, 2019, p. 65). Mais tarde, isso vai ser desmentido e reinterpretado como autenticidade e cunhar novos caminhos, já que muitos artistas vão se inspirar

no seu estilo. No Brasil, Modigliani foi um artista debatido pelos jornais, principalmente na década de 30, e usado como inspiração para grandes nomes, como Portinari. Algumas obras de Sylvia com inspiração em Modigliani, aparecem nos jornais na década de 30, como *Autorretrato* (Figura 4).



Fig. 04: Reprodução de jornal da obra *Autorretrato* de Sylvia Meyer.
Fonte: Diário de Notícias, 18 nov. 1934, p. 17.

Apesar de sua aproximação com o modernismo, ela continuou fazendo encomendas de retratos de estilo mais tradicional, provavelmente parte de sua renda junto às aulas particulares. Talvez pela questão de variar tanto sua produção, ora acadêmica, ora moderna e de não se identificar dentro de um estilo, Sylvia não conte nos livros de história da arte brasileira. Rever o século XIX e XX em busca das mulheres artistas, que estiveram durante todo esse período produzindo e que não estão inseridas na história da arte, é fundamental, para se contar uma história da arte brasileira plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Ana Cláudia de Moura. A profissionalização da mulher no Campo artístico. *Ícone: Revista Brasileira de História da Arte*, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 3, 2018.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). *Quando o Brasil era moderno: artes plásticas no Rio de Janeiro, 1905-1960*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- MEYER, Sylvia. A Mulher e a Pintura. [Entrevista concedida a] Maria Wanderley Menezes. *Carioca*, Rio de Janeiro, nº 691, p. 12-13, 1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20194&pesq=%22Sylvia%20Meyer%22&pagfis=41907>>. Acesso em 13 mar. 2021.
- MEYER, Sylvia. A Mulher e a Pintura. [Entrevista concedida a] Maria Wanderley Menezes. *Carioca*, Rio de Janeiro, nº 691, p. 12-13, 1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830259&pasta=ano%20194&pesq=%22Sylvia%20Meyer%22&pagfis=41907>>. Acesso em 13 mar. 2021.
- MEYER, Sylvia. Arte Com [Entrevista concedida a] Maria Luiza. *A Noite: Suplemento: Secção de Rotogravura*, Rio de Janeiro, nº 1016, p. 34 – 35 e 39, 17 ago. 1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120588&Pesq=%22Sylvia%20Meyer%22&pagfis=36646>>. Acesso em 13 mar. 2021.
- MEYER, Sylvia. O Impressionismo na arte de Sylvia Meyer. [Entrevista concedida a] anônimo. *A Noite: Suplemento: Secção de Rotogravura*, Rio de Janeiro, nº 911, p. 7 e 16, 13 ago. 1946. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120588&pesq=%22Sylvia%20Meyer%22&pasta=ano%20194&pagfis=31993>>. Acesso em 13 mar. 2021
- MYERS, Nicole. Women Artists in Nineteenth Century France. In: *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/toah/hd/19wa/hd_19wa.htm>. Acesso em 26 fev. 2021.
- MULHERES Luminosas. Direção de Pedro Pontes. Rio de Janeiro: Multi Arte Brasil, 2012. 1 Vídeo (33 min.). Disponível em: <<https://vimeo.com/42582873>>. Acesso em 4 set. 2020
- NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora/Publication Studio SP, 2016.
- PARKER, Rozsika; POLLOCK, Griselda. *Old Mistresses: women, art, and ideology*. Londres: Routledge, 1981.
- PAULINO, Ana Maria. *Jorge de Lima*. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1955.
- PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda e MESQUITA, André (org.). *Histórias das mulheres, histórias feministas: vol. 2, antologia*. São Paulo: MASP, 2019.
- POLLOCK, Griselda. *Vision and Difference: Feminism, femininity, and the histories of art*. New York: Routledge, 2003.
- SALINAS, Isabela de Oliveira. *Modernidade e Tradição nas obras de Amadeo Modigliani*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artistas: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *A Arte sem História: Mulheres e Cultura Artística (Séculos XVI-XX)*. Lisboa: Babel, 2011.
- ZACCARA, Madalena. Decolonização da memória: mulheres artistas brasileiras nos Salões parisienses (1900-1939). 19&20, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, jul.-dez. 2019. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/mz_decolonizacao.htm. Acesso em: 26 fev. 2021.

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E ACERVOS ARTÍSTICOS

Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ. (BN).
Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP. (MARP).
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. (MAM Rio).
Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP. (MASP).
Museu Dom João VI, Cidade Universitária, RJ. (MDJVI).
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ. (MNBA).
Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP. (PESP).
Projeto Portinari, Rio de Janeiro, RJ.